
Arte e Mídia Radical na Primavera Árabe: o caso Aliaa Magda¹

Helder Ronan de Souza MOURÃO²
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Esse estudo visa observar um específico caso de mobilização artística e comunicacional, emancipatória, ocorrido no Egito através da militante Aliaa Magda. Mais que reconhecer isso, esse trabalho visa fazer um paralelo entre comunicação e arte, suas funções, além de discutir a mídia radical alternativa. Para tal nos empenhamos além da análise em discutir questões relacionadas às possibilidades críticas e emancipatórias na internet, onde esta surge como ferramenta para mobilização social. No entanto é importante ressaltar que tal estudo prescinde de contextualização e compreensão da situação onde ocorreram os movimentos em prol da militante.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; mídia radical; emancipação; primavera árabe.

Introdução

Este trabalho surgiu do interesse de aproximar os estudos da comunicação social com reflexões em torno da arte, buscando discutir suas possibilidades enquanto emancipação, principalmente no que tange à conscientização das camadas populares. Para isso, buscamos analisar a(s) mídia(s) de um caso específico ocorrido no Egito no qual essas manifestações artísticas trouxeram engajamentos e reflexões no pensamento social.

O contexto do acontecimento é chamado de Primavera Árabe, pois pôde se observar um processo de democratização, aliado a discussões sobre direitos sociais e humanos, especificamente nesse caso, sobre o direito das mulheres.

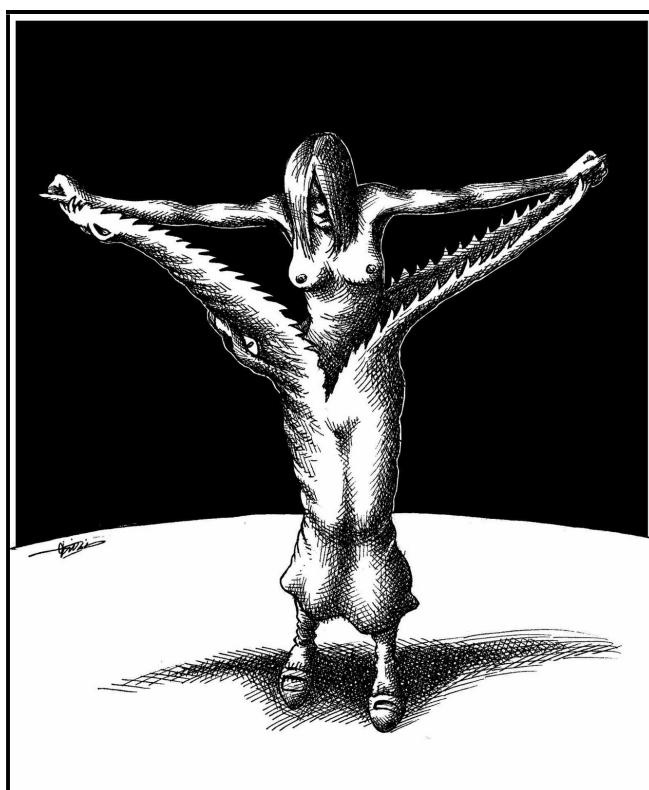
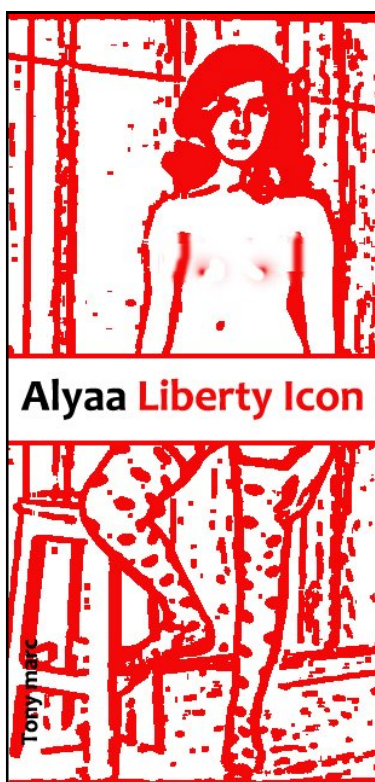
Influenciados pelas lutas sociais e constantes buscas por direitos, países como o Egito, Tunísia, Líbia, Síria e outros do Oriente Médio e norte da África buscaram ampliar as discussões sociais nesses Estados tomados pelo fundamentalismo islâmico, agressivo não apenas contra os trabalhadores, mas principalmente contra as mulheres. Foi justamente a questão de gênero que teve maior destaque. A militante de esquerda

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Jornalista (UFAM/Parintins). Mestre em Ciências da Comunicação (PPGCOM/UFAM). Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Ufam/Parintins, e-mail: helder.mourao@yahoo.com.br.

Aliaa Magda resolveu criar um blog e postar críticas, reflexões, indignações e provocações de cunho feminista, além de resultados e fotos de atos contra o regime opressor. O sítio na internet é <http://arebelsdiary.blogspot.com>, blog da figura destacada abaixo pela arte aqui utilizada.

A mobilização deus resultados e o blog foi censurado em vários países próximos e os militantes perseguidos. Por outro lado as ideias da militante feminista alcançaram não apenas indivíduos dos países próximos, mas militantes de vários países europeus e americanos a partir de colaborações e contribuições de afirmação do movimento. Abaixo as duas imagens mostram que a recepção de Aliaa pelos colaboradores foi como a de um Liberty Icon (ícone de liberdade).



A análise percebe que o objeto estudado é um tipo de arte que se alia à tecnologia para propagar suas ideias. Aprimorando e adequando a reprodutibilidade técnica discutida pelo ensaio de Benjamin (1987), agora se trata de uma disponibilidade ou o que Zanetti denomina de “cultura do compartilhamento”, onde afirma que:

A expressão não traz em si nenhuma referência direta à dimensão técnica. Compartilhar significa “participar de algo”, “tomar parte em alguma coisa”, e também partilhar, dividir com outros. Indiretamente, nos remete às práticas instauradas pelas redes sociais na Internet de socialização de conteúdos on-line e amplamente difundidas na rede. Sites e blogs considerados mais “interativos” têm sido aqueles que disponibilizam de modo mais acessível ferramentas para

compartilhamento nas principais redes sociais ou mesmo por correio eletrônico (Zanetti, 2011, p. 61-2).

A reprodutibilidade discutida por Benjamin (1987) mostra as potencialidades de um compartilhamento que necessita diretamente de um processo físico/químico – sua lógica é reproduzir e depois compartilhar e se necessário, voltar o processo. Zanetti (2011) fala de um processo que apesar de precisar de tecnologias, nesse caso o computador, o “reproduzir” físico/químico pode ser deixado de lado, deixando a lógica apenas no compartilhar, já que os arquivos são digitais.

As mídias se misturam entre os “tradicionais” desenhos e pinturas manuais e as fotografias, aliadas as técnicas digitais de manipulação da imagem e de propagação de conteúdo através da internet. Seu objetivo é militar a favor da liberdade feminina, rasgando as amarras do patriarcado árabe.

Com isso analisaremos o potencial radical alternativo presente nessa arte/mídia, baseando-nos nos conceitos de Downing (2002) e refletindo a partir da reprodutibilidade e a disponibilidade, definidos respectivamente por Benjamin (1987) e Zanetti (2011).

Primavera árabe: Indignação e o contexto para mídia radical

O que conhecemos como primavera árabe foi/é um dos momentos de emancipação social mais contundente da atualidade. O grande destaque dado para esse movimento foi uso das mídias sociais, principalmente o facebook, para marcar encontros, reuniões e protestos. Há quem, inclusive, afirme que o facebook fez a revolução.

Não podemos compactuar com a ideia de que um meio (rede social) pode ser considerado um ator social, portanto, destacamos a inegável importância desse aparato, porém direcionado pelo sujeito social e histórico, o ser humano.

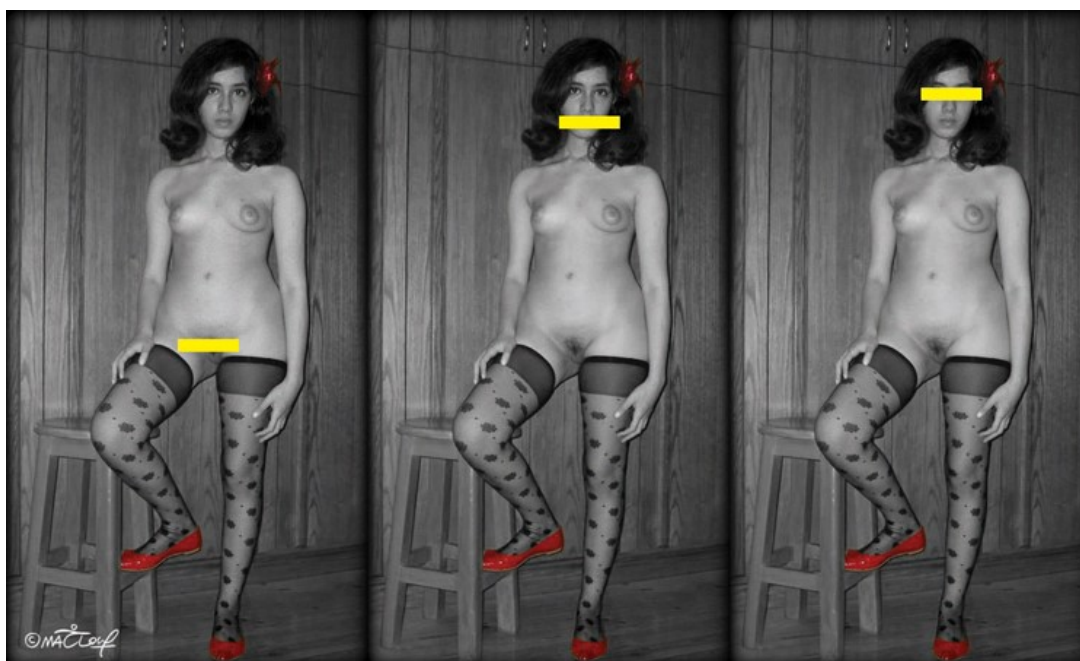
Aliás, é de um novo sujeito histórico que estamos nos referindo. Segundo Houtart (2006) esse sujeito está ligado aos movimentos sociais e surge pela percepção (ainda que inconsciente) de que é necessária uma mudança que parta da manifestação/organização popular, pois a estrutura política e econômica global está direcionada para as grandes empresas e os negócios multinacionais, deixando em plano secundário (quando deixa) a população e a classe trabalhadora.

Para o mesmo autor essa percepção não ocorre a esmo. Os momentos de maior emancipação política da classe menos favorecida são (contraditoriamente) quando a opressão e a escassez mais os atingem, o que nos leva ao conceito de indignação.

Entendemos por indignação o momento de revolta para com essa opressão de classe. Próximo ao limite da exploração, a sociedade percebe (e sente) as contradições eminentes e as desigualdades de classe e busca melhorias para si. Essa situação não é necessariamente econômica ou política, mas atinge também a esfera cultural, de acesso à informação e etc. É nesse ponto que chegamos ao Egito e a Aliaa Magda. A primavera Árabe egípcia foi marcada por tensões não apenas políticas e econômicas, mas, sobretudo culturais do enraizamento e da naturalização da cultura patriarcal.

Como forma de protesto a militante social acima citada cria o blog “A rebels diary”, Um Diário da rebeldia, e começa a postar fotos ousadas desafiando a hegemonia machista, dominada pelo patriarcalismo político-religioso local. Em pouco tempo ela vira um ícone e passa a receber inúmeras contribuições artísticas entre pinturas, fotografias digitais, desenhos, gravuras e etc, seguindo sua linha de rebeldia.

Na imagem fotográfica digital e manipulada, abaixo, a reflexão proposta é um retrato do contexto local atual, onde a censura sexual faz parte do conjunto de outras censuras, nesse caso da liberdade de expressão em seu sentido amplo.



Ousamos ainda ressaltar que a possibilidade de uma organização e alcance tão grandes como aconteceu, não existiria sem a indignação e a opressão ao qual essa primeira aparece como resposta à segunda. Portanto, a indignação é o passo para uma

fecunda apropriação emancipatória da comunicação e da ação militante, nesse caso, com as artes.

Arte como forma de conhecimento: O real em curso

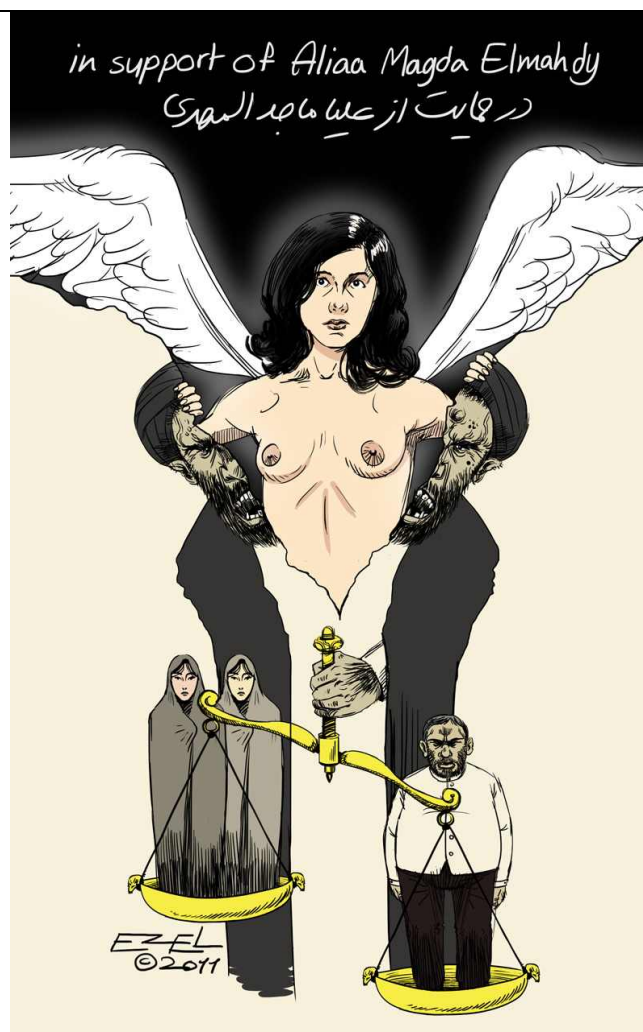
Tolentino, baseada em Jameson (1985; 1995), afirma que a arte é essencialmente um modo de representação do presente em movimento, acontecendo agora e representado sem categorias pré-definidas, mas estabelecidas de acordo com o processo de produção da arte em sua dimensão histórica.

A arte é, pois, uma forma de conhecimento em relação direta com a história do presente. A mesma autora diz ainda que “[...] podemos dizer que existe um narrador social em cada expressão artística, constituído pela posição do artista e seu meio em relação à história, que lhe oferece conteúdo ou matéria artística [...]” (Tolentino, 2013, p. 32).

Todas as obras digitais postadas no blog são exemplos disso. Não são produtos sem contexto ou vindos da imaginação, mas representam claramente a realidade atual, seja mostrando a hegemonia ou buscando formas de quebra-la através da crítica e da formação de consciência.

No entanto, não podemos considerar a obra de arte como espelho do real, mas como uma representação, pois o caminho até a experiência original é indecifrável e passível de distorções de ordem subjetiva. Então, o conteúdo da obra de arte “é, essencialmente, experiência social e histórica” (Jameson, 1985, p. 306).

A imagem digital abaixo traz a síntese da luta aqui referida. O contexto em que na balança social o homem tem mais peso que a mulher, mas onde Aliaa Magda aparece como ícone de liberdade das amarras patriarcais e religiosas. Nota-se o texto em árabe, mas também em inglês, facilitando a apoio estrangeiro.



Há ainda outra característica que destaca a arte em detrimento de outras formas de conhecimento: o fato de não dispor de categorias pré-definidas. Isso faz com que a relação da obra com os espectadores possa ser mais bem aproveitada e compreendida, diferente da ciência, por exemplo, na qual produtores e consumidores precisam das mesmas categorias de compreensão e o conhecimento do campo específico, fazendo desse conhecimento algo segmentado. A arte é para qualquer um, desde que familiarizado com seu contexto de produção. Nesse caso, mesmo se referindo a um contexto muito mais incisivo, pode mesmo ser apreendida para a realidade brasileira, por exemplo.

A internet como esfera pública proletária

A obra de arte por si só já tem enorme potencial emancipatório, mas precisa de um espaço de discussão, construção e diálogo. O lugar físico era perigoso, passível da opressão do Estado que não quer desmanchar a hegemonia. Os espaços clássicos de

discussão como a escola e a universidade estavam sob o comando do Estado. É aí que entra a internet como facilitadora desse “encontro”.

Mesmo que tendo sido censurado no Egito e em países próximos, “Um Diário de Rebeldia” era facilmente acessado com ferramentas como o proxy, impossibilitando uma censura efetiva. Da mesma forma, o blog não se restringia ao país de origem, mas pode ser acessado de qualquer lugar, o que fez, inclusive, com que muitas postagens fossem feitas em língua inglesa, além da ferramenta de tradução multilíngue.

No mais, a internet é hoje o meio com maior poder de abarcar as massas. Não obstante, trata-se do veículo mais barato, rápido e fácil de comunicar qualquer tipo de ideia, valor, conhecimento ou mesmo de organizar discussões (Lemos, 2011; Castells, 2013). Além do mais, Zanetti (2011) afirma que não se trata de uma esfera exclusivamente virtual, mas de uma cultura onde as relações virtuais são demandas das relações “reais”.

Enzensberger (2003) fala das potencialidades das mídias eletrônicas e do poder que tem para abarcar as massas e atingir corações e mentes, definindo-as como a indústria da consciência.

Uma indústria da consciência na internet, que simula um lugar (um lugar virtual) pode assemelhar-se à de esfera pública, conceito cunhado por Habermas (1962), mas que se trata de um contexto específico ligado a uma burguesia em processo de hegemonização, próximo às revoluções industrial e francesa, bem como da formação dos estados modernos.

Baseados no conceito de Habermas, Negt e Kluge suscitam que o interessante nesse conceito seria sua utilização como esfera pública operária. Downing nos fala da ideia desses autores, onde:

[...] em vez de aderir ao lamento de Habermas pelo desaparecimento da esfera pública burguesa advertiam que a questão que realmente interessava eram os contextos em que o proletariado poderia discutir seu passado, presente e futuro. (Downing, 2002, p.63)

Ademais, o proletariado aqui é entendido como o potencialmente indignado, que tem na internet esse espaço para discutir seu passado, presente (principalmente) e futuro. Sendo ele o indignado, o contexto da repressão e exploração dada pelo sistema capitalista e por sistemas políticos e religiosos específicos, como o caso desse estudo, é substancial para o surgimento de mídias radicais. Porém, o mais notório na internet é

seu uso lúdico e mercadológico, com pouquíssimo nível de discussão sobre a luta de classes ou qualquer reivindicação.

Aliando a esfera pública proletária ao intento dos movimentos sociais (indignados e organizados), encontramos um casamento útil já que:

A comunicação efetiva no interior dos movimentos sociais e praticada por ele é, portanto, uma necessidade vital para a que automobilização possa ocorrer e prosperar. A mídia radical de maneira alguma deve ser rebaixada a um mero e interessante experimento para viciados em cultura revolucionária. (Downing, 2002, p.67)

Sendo a comunicação necessária para a automobilização dos movimentos sociais, encaixamos aqui a possibilidade de uma esfera pública proletariada na internet, onde o potencial da web pode se juntar ao poder das artes de fazer críticas e propor reflexões (catarses) emancipatórias.

Ademais, a um espaço (virtual) onde cada um pode acessar (ir) mesmo estando em casa, facilita não apenas o acesso, mas a colaboração. Apesar de ter uma dona, Aliaa Magda, a participação do público é grande, sendo, portanto um “espaço” plural e amplo.

A “disponibilidade” como facilitadora da “audiência ativa”

Justamente por ser virtual (não físico), há outra facilidade para a mobilização popular: a disponibilidade. Ela pode ser considerada como a atualização ou forma contemporânea da reprodutibilidade. O famoso ensaio de Benjamin (1987) explica as características da possibilidade de uma reprodutibilidade técnica, principalmente das artes, graças à modernização e a evolução da técnica. No contexto em que vivemos a internet traz a novidade.

O reprodutível quer dizer que existe algo físico a ser produzido novamente, por meio de técnicas de cópia, também físicas (e químicas), quem em certo sentido são fieis ao original. Benjamin fala da litografia, por exemplo, mas temos agora as fotocópias e os processos de escaneamento e impressão digital. Para esses processos são necessários objetos “matrizes” para a reprodução.

A disponibilidade liquefaz esse processo. Trata-se de uma “reprodução” através de arquivos digitais. Esses arquivos não precisaram em algum momento serem físicos, podem sempre terem sido arquivos digitais, em nuvem ou dispositivos móveis. Tais arquivos estão disponíveis na web e podem ser copiados simultaneamente por várias pessoas, sem necessariamente precisar de artifícios físicos e químicos.

A disponibilidade facilita o compartilhamento de arquivos quando diminui o gasto para a difusão, facilita o acesso e o armazenamento dos arquivos. Isso faz da internet um veículo facilitador da difusão de conhecimento e aqui destacamos as artes, já que elas têm potencial crítico e emancipatório.

Benjamin discute a relação entre as artes reproduzidas e as “autênticas”:

A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida. A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política (Benjamin, 1987, p.171-2).

Agora, se refletirmos na ótica da disponibilidade (Zanetti, 2011) isso se torna maior ainda. E se em segundo pensarmos nessa disponibilidade da internet, seu potencial toma proporções imensuráveis. O “ritual” ou a “mística” da arte são eminentemente comunicativos e políticos de acordo com as determinações e direcionamentos dados pelos produtores/produtos de arte, facilita-se então o processo da disponibilidade sem necessariamente precisar de reprodutibilidade.

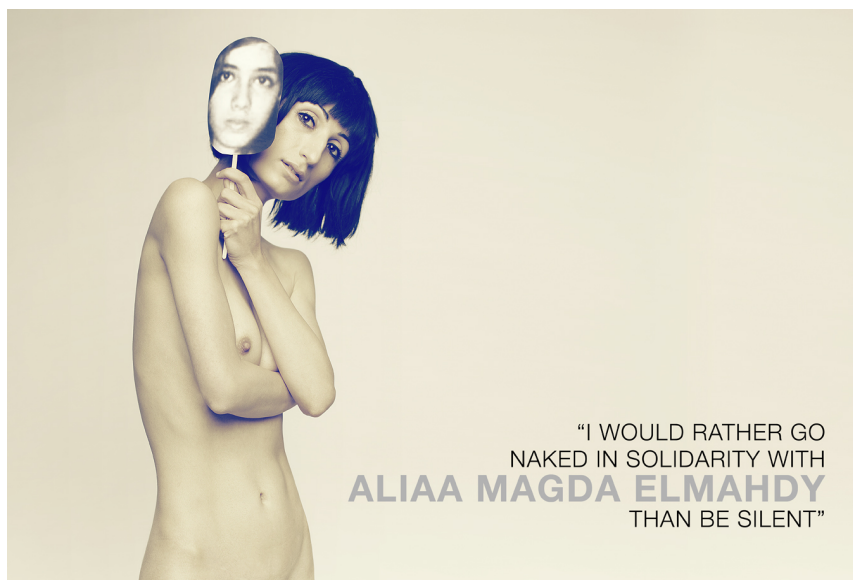
A facilidade do acesso à internet e da divulgação de conteúdo, da organização de debates e conversas mais “seguras” e privadas, comparadas as cartas e a outros meios, bem como o encontro pessoal, faz com que esse espaço seja um potencial meio de organização de movimentos que usam a arte em seu verdadeiro papel: práxis, crítica, compreensão da realidade e emancipação de indivíduos.

Lembremos ainda que a disponibilidade não é uma novidade. A cultura fundamente da internet, conhecida como cultura hacker tem como pilar a disponibilidade e o compartilhamento de informações. Segundo Castells o sentido da produção hacker é a “[...] satisfação imediata que o hacker tem ao exibir sua engenhosidade para todos [...]” (Castells, 2003, p.43), em outras palavras, o objetivo inicial é a produção de valores de uso, não de valores de troca. O objetivo é a melhoria da sociedade sem que isso precise ser privado. Essa dinâmica talvez não seja muito mais conhecida, pois a ideia inicial da cultura hacker foi difamada e sofre forte ofensiva do setor privado que preferiu criar valores de troca.

Portanto, essa disponibilidade é ainda um retorno às origens da internet e a possibilidade de correr contra a correnteza do entretenimento buscando uma significação social e emancipatória.

Toda essa potencialidade da disponibilidade e da crítica revela como a internet pode ser um meio importante para as lutas sociais. Ora, se a comunicação (social) é uma práxis e humanamente necessária, é importante haver um processo de comunicação que envolva consumidores que sejam também produtores, assim a internet e a disponibilidade facilitam, pelo menos nesse caso uma “[...] audiência que elabora e molda os produtos da mídia, e não apenas absorve passivamente suas mensagens...” (Downing, 2002, p.38).

O autor acima citado chama isso de audiência ativa. Se a comunicação deve ser, de fato, social e construída de forma comunitária, nada melhor que uma audiência que seja também produtora, questão que já referimos antes e que ocorre nesse blog. Isso não apenas no sentido dialógico³ da comunicação, mas no sentido ativo onde a audiência sofre influência, toma consciência e produz conteúdo, fazendo-se mesmo uma indústria da consciência de mobilização, ou como já dissemos: uma esfera pública proletária.



Como exemplo de contribuição com a revolta de Alia Magda, a imagem digital acima mostra uma mulher que não apenas concorda com as ideias da militante, mas mostra-se encarnada em sua figura. A egípcia torna-se, portanto um ícone de luta, onde todos os oprimidos seriam então Alia Magda.

Uma audiência que ajuda a moldar os produtos que consome é mais comum do que parece, tendo em vista, atualmente, as formas de interatividade e a comunicação direcionada. Mas o uso social desse conceito, quando relacionado a movimentos sociais,

³ Para Bakhtin (2003) a comunicação é por essência dialógica, pois se direciono um enunciado com intuito de que ele seja consumido e apreendido, devo levar em consideração esse outro a quem direcionei minha enunciação, assim, dependendo dele que se torna, então, um coautor de meu enunciado.

propõe uma audiência que não é apenas comunicacionalmente ativa, mas ativista enquanto busca se destacar nas mobilizações sociais, produtoras e produtos dessa relação onde a comunicação tem um fundamental papel na contribuição de uma práxis efetiva e emancipatória.

A comunicação é um meio, mas é também cultura. Por conseguinte a arte é uma forma de comunicação, no caso da internet, comunicação social. Portanto a audiência ativa possibilitar também seu uso, que se usado de forma emancipatória, torna-se brilhante para as lutas sociais.

Limites e dificuldades da mobilização social

Se por um lado as produções artísticas e o engajamento orgânico dos militantes árabes (e seus simpatizantes estrangeiros) parecem fortes mobilizadores de uma crítica à realidade de seus respectivos países, esses mesmos Estados têm sistemas sólidos que dificultam a recepção progressista de tais conteúdos.

Um dos principais problemas e impedimentos é a manifestação e a força da ideologia. Konder (2002) define-a como a distorção da realidade. Essa distorção, na sociedade capitalista, tem o claro objetivo de manter o status quo e tornar naturais os problemas criados pelo sistema. Universaliza os interesses particulares da classe dominante e os afirma como eternos.

No caso do contexto árabe, o capitalismo é reforçado com força pela ideologia do fundamentalismo muçumano. Os problemas e opressões de classe não aparecem apenas como se fossem naturais, mas também transcendentais, acima da compreensão humana e determinado pela religiosidade, vigiada pelos mesmos guardiões do capitalismo. Nos países onde ocorreu a primavera árabe a esfera política praticamente não se separa da esfera religiosa, ambas são unidas organicamente, sendo em muitos sentidos, mais sólida que em certos lugares do ocidente.

Marx (2001) já advertira que a classe que detém o poder material em uma sociedade, detém da mesma forma o poder espiritual. No caso muçumano, o poder material e espiritual realmente aparentam universais aos olhos de uma população que não tem (ou pouco tem) acesso a outros pensamentos. Estamos falando não apenas de trabalhadores oprimidos pela política/religião (que na maioria das vezes não se dão conta disso), mas principalmente de mulheres reduzidas a esposas, propriedades dos maridos.

A mesma ideologia que mantem o capitalismo – lembrando que muitos dos líderes desses países tinham estreitas ligações com os Estados Unidos e reforçavam as políticas imperialistas – reforça a hegemonia vigente (patriarcal e mulçumana), ou seja, colabora com a organização da cultura local.

Apesar de serem bem sólidas, essas ferramentas que buscam impedir a mobilização e emancipação da população não são todo-poderosas ou irresistíveis. Konder (2002) afirma que sua própria existência denota que há contradições contundentes na sociedade que acabam por revelar, em certo sentido, o antagonismo de classe.

Portanto, os mecanismos de dominação e de resistência se manifestam não apenas no cotidiano e nas relações espirituais e de trabalho, mas na cultura e na produção desta (Kellner, 2001). Isso cria conflitos na compreensão e decodificação dos conteúdos produzidos, seja pela classe dominante, seja pelos oprimidos em busca de libertação. Hall (2003) nos abre uma luz para compreender esse conflito. A partir dos conceitos de codificação e decodificação deste autor e no contexto da primavera árabe com a força que tem a ideologia, refletimos sobre o como a população pode apreender os conteúdos produzidos e postados no blog de Aliaa Magda, ou seja, decodifica-los.

A primeira hipótese acerca da decodificação é a da “posição hegemônica dominante”: “Quando [...] se apropria do sentido conotado [...] de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada [...]” (Hall, 2003, p.400).

Tendo em vista os mecanismos de dominação, principalmente o religioso, é difícil pensarmos que a maioria da população decodificaria as mensagens das artes digitais do blog dessa forma. Essa identificação ocorre com mais facilidade entre outros militantes (muitos estrangeiros) que já detém tais concepções e apenas as reafirmam.

É mais fácil crermos que grande parte da população que recebeu tais conteúdos terá uma codificação de “código negociado”, ou seja, com elementos de adaptação e oposição (Hall, 2003). Muitos podem até certo ponto afirmar e concordar com as definições político-religiosas de seu país, porém discordam e negociam certos pontos. É o caso de muitos cidadãos árabes que são a favor de mais liberdade e igualdade entre homens e mulheres, mas não abrem mão da doutrina mulçumana. Na maioria das vezes isso é bastante contraditório, o que ocorre em função do conflito de classe.

Por fim, cremos que nesse caso a maioria da população decodificará na forma de “código de oposição”, ou seja, buscará códigos alternativos para contrapor o conteúdo proposto. É a maioria da população que ao ver os conteúdos do blog imediatamente remeterá a concepção hegemônica de que os movimentos populares são criminosos e querem destruir a sociedade. É a parte da população que conhece profundamente os fundamentos da religião mulçumana e os usa como negação das demandas de gênero, por exemplo. É a maioria da população que se sente vigiada por uma entidade transcendental e que precisa negar peremptoriamente qualquer conteúdo avesso à hegemonia politico-religiosa local.

Portanto, apesar da fecundidade do blog e das artes digitais para a mobilização da liberdade e da emancipação humana, é salutar percebermos os limites impostos pelos mecanismos de dominação, organizados na estrutura e na superestrutura, dando destaque para a ideologia e a organização da cultura no local. Ainda assim, a opressão e as contradições sempre serão latentes, sendo, portanto, a porta de entrada para a mobilização e a decodificação de forma progressista dos conteúdos gerados pelos militantes sociais.

Considerações finais

Discutir, então, a relação entre arte e mídia e as possibilidades progressistas coma a difusão e o compartilhamento é importante não apenas para compreendermos fenômenos como do desse estudo. Serve também para pensarmos na otimização dos movimentos de luta contra o capital e as políticas opressoras.

Destacamos então a importância da mídia radical alternativa para as lutas sociais. Enfrentar a hegemonia é mostrar as contradições inerentes à sociedade capitalista sugerindo e agindo com formas de supera-la. A internet possibilita organizar as lutas sociais em ambiente “virtual”, ainda que em função do ambiente “real”. Com isso, ela se mostra como uma efetiva esfera pública operária, onde produtores e receptores de informação se confundem.

É inegável reconhecer o papel crítico-emancipatório da arte, principalmente na era de sua reprodutibilidade técnica e da possibilidade da disponibilização digital, o que facilita e diminui os custos de compartilhamento. O blog “Um diário de Rebeldia” é um ícone de luta social e seu alcance é perceptível tanto pelo número de acessos e colaborações externas, quando pela censura dos Estados locais que proíbem seu acesso.

Portanto, ele serviu para expor não apenas ideia e lutas, mas as contradições e a necessidade de quebrar as barreiras de classe que são postas como naturais, propondo assim, uma sociedade mais justa.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação.** São Paulo: Conrad Editora, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... let all.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOUTART, François. **Os Movimentos Sociais e a Construção de um Novo Sujeito histórico.** In BORON, A; AMADEO, J; e GONZÁLES, Sabrina (Org's). **A teoria Marxista Hoje: Problemas e Perspectivas.** 1ª Ed. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006. p. 421-30.

JAMESON, Fredric. **As marcas do visível.** Rio de Janeiro: Graal, 1995.

JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma.** Teorias dialéticas da Literatura no século XX. São Paulo: Hucitec, 1985.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, EDUSC, 2001.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura.** Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLENTINO, Célia. **Cinema, o tempo social e o seu intérprete.** Idéias, Campinas – SP, n7, 2º semestre, 2013.

ZANETTI, Daniela. **A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos.** Revista Ciberlegenda, 2011.